

AS CONEXÕES ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS: REDES SOCIAIS E REDEFINIÇÕES DE IDENTIDADES DE GÊNERO.

Autores: Bruno Bortoli e Elton Francisco.

Instituição: UDESC

Agência de fomento da pesquisa: PROBIC/UDESC

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, que analisa como se formam, articulam, mantêm e se modificam as redes sociais no processo migratório. A pesquisa de campo, assim como a vida dos emigrantes, é multi-situada e realizou-se nas duas cidades brasileiras que tem conexões desde 1980 com a região de Boston (EUA) – Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC). Os dados foram coletados através de pesquisa etnográfica e entrevistas semi-estruturadas. Neste painel pretendemos demonstrar como o ato de migrar, bem como suas conseqüências, muitas vezes redefinem ou problematizam as identidades de gênero. As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional e individual, ressaltando a importância particularmente das redes de parentesco, amizade e origem comum neste processo. Através destas redes familiares podemos mapear como se (re) constroem relações familiares e de gênero no contexto da migração. Pesquisas realizadas sobre emigrantes brasileiros demonstram que mulheres se utilizam mais das redes de parentesco para conseguir moradia e trabalho e os homens tendem a utilizar mais as redes de amizade e origem comum. Os migrantes brasileiros, em sua maioria, são indocumentados e se inserem num mercado de trabalho segmentado etnicamente e por gênero, geralmente as mulheres concentram-se na faxina doméstica e os homens na construção civil. A faxina doméstica transformou-se num nicho de mercado étnico para as emigrantes brasileiras contribuindo para o “empoderamento” das mesmas. Os homens trabalham na construção civil, em sua maioria, ou em restaurantes, mas sentem mais do que as mulheres uma perda de status em relação às posições de gênero que vivenciavam no Brasil. É o que ocorre com homens quando trabalham no ramo da faxina, em geral tendo as esposas como chefe, estes homens têm que reavaliar o chamado “trabalho de casa”. Por outro lado, algumas mulheres acabam se tornando “empreendedoras”, ou aquelas que ficam, com a ausência do marido, passam a assumir atividades que antes eram exercidas por ele. É o caso de uma de nossas informantes, por exemplo. Paula (nome fictício) viajou com o pai (na época tinha 17 anos), logo após seu casamento, para se encontrar com o marido que já a esperava nos EUA. Relatou que engravidou pouco tempo depois de sua chegada. Para continuar seu projeto migratório, quando a filha nasceu nos EUA, em Framingham, ela trouxe a filha para o Brasil para que ficasse sobre os cuidados dos avós, enquanto ela permanecia nos Estados Unidos. Paula deixou a filha recém-nascida no Brasil (e só voltou a vê-la após quase cinco anos), e relatou como se sentia longe da menina (filha que reconhecia na avó sua mãe) e destacou que esse fato foi um dos principais motivos de seu retorno ao Brasil. Ao ser questionada sobre como se sentiu deixando sua filha, respondeu: *“Nossa! Hoje eu falo, às vezes eu penso assim: será que compensou? Isso, né? E depois veio a minha separação e tal, mas outras pessoas,, mais sábias falou assim: compensou Paula, você é uma pessoa nova, estruturada, encontrou trabalho, né? Hoje pode dar à Letícia (nome fictício da filha) uma vida, não é uma vida de rico mas uma vidinha confortável (...)”*. A história de Paula que migrou junto com o marido para “fazer a América” e que permaneceu durante cinco anos nos EUA revela que a circulação internacional dessa rede de cuidados, quando as avós ficam ao encargo dos netos/as não é vivido sem ambigüidade por aqueles que ficam e que as famílias transnacionais ao reconstruírem seus laços entre dois lugares não o fazem sem conflitos e redefinições de papéis. Nesse caso também, tais redefinições implicaram na separação do casal e Paula ficou com a padaria construída pelos dois, como parte do projeto migratório, tornando-se micro-empresária, o que não é o mais comum entre as mulheres migrantes, que sempre “ajudam” os maridos mas nem sempre se definem como “donas do negócio”. A conclusão é a de que a experiência migratória, muitas vezes possibilitada pelas redes familiares, além de fazer circular masculinidades e feminilidades também faz repensar as relações familiares entre os agentes envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2004.
- FUSCO, Wilson. Redes sociais na migração entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: **Migrações internacionais: Contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.
- PESSAR, Patricia R. The Role of Gender, households, and social networks in the migration process: a review and appraisal. In: HIRSCHMAN, C, KASINITZ, P. and DEWIND, J. (Editors) **.The Handbook of international migration: the American experience**. New York, Russell Sage Foundation. 1999. p. 51-70.
- TILLY, Charles. Transplanted networks. In: Yans-McLaughlin, Virginia, **Immigration Reconsidered**, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, p.79-95.
- SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares** — Sonhos e frustrações no retorno. 2006. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006b.